Ensinar português em Timor

João Paulo T. Esperança

Ensinar português em Timor

João Paulo T. Esperança

Ensinar português em Timor

João Paulo T. Esperança

Autor: ***João Paulo T. Esperança***
Publicado por ***Edições Magar-Lelo,***
Liquiçá, Timor-Leste
2007

Este pequeno livro reúne dois textos publicados em 2007 no blogue *Timor2006* (www.timor2006.blogspot.com), um dos “blogues convidados” disponibilizados na edição na Internet do jornal diário português “*Público*”.

Sendo um hipertexto publicado na Internet, incluía naturalmente muitas hiperligações que remetiam para textos ou documentos relevantes. Essas hiperligações perdem-se aqui na passagem para o papel, mas tal não é grave porque ambos os artigos continuam disponíveis em linha. Resolvi incluir aqui os comentários feitos a estas entradas do blogue, apesar de serem na maioria anónimos, uma vez que contribuem para o debate e a polémica sobre os temas focados – optei no entanto por não fazer qualquer tipo de edição ao texto dos mesmos, incluindo no que se refere à ortografia.

Devo esclarecer que, ao contrário do que diz uma senhora que participa na discussão nos comentários, eu não fui pago pelo "*Público*" por estes textos, nem havia qualquer contrato laboral entre mim e o jornal, os únicos colaboradores deste blogue que eram pagos eram, naturalmente, aqueles que são jornalistas do próprio "*Público*". Os demais colaboradores foram convidados pelo jornal para irem escrevendo uns textos que permitissem acompanhar a realidade timorense. Brevemente publicarei aqui uma colectânea que incluirá todos os textos deste blogue e de um outro, além de artigos publicados na imprensa.

SEXTA-FEIRA, JUNHO 29, 2007

Ensinar português em Timor

"Kata berimbuhan adalah kata yang telah mengalami proses pengimbuhan (afiksasi). Imbuhan atau afiks adalah morfem terikat yang digunakan dalam bentuk dasar untuk menghasilkan suatu kata. Hasil dari proses pengimbuhan itulah yang kemudian disebut kata berimbuhan.
Menurut bentuknya, imbuhan dikelompokkan sebagai berikut.
1. Awalan atau prefiks, misalnya me(N)-, ber-, di-, ter-, se-, per-, ke-.
2. Sisipan atau infiks, misalnya –el, -em, dan –er. Contoh pemakaian: geletar, gemetar, gerigi
3. Akhiran atau sufiks, misalnya –kan, -i, -an, dan –nya. Contoh pemakaian: turunkan, uraian, jalani, akhirnya
4. Awalan-akhiran atau konfiks, misalnya ke-an, pe(N)-an, per-an, ber-an, se-nya. Contoh pemakaian: keadilan, penyamaan, perhatian, bersamaan, semaunya."

Isto é um excerto de um manual de escola secundária da disciplina de língua indonésia (*), e explica algumas noções muito básicas sobre afixos desta língua. E então? O caríssimo leitor compreendeu? Pois... mas em Timor espera-se que os aprendentes timorenses adquiram proficiência na língua portuguesa com materiais preparados apenas em português. Vejo que o caro leitor - que é um

indivíduo perspicaz - está já pronto para objectar dizendo que os timores falam tétum, uma língua que tem uma percentagem enorme de léxico proveniente da língua em que Luís Cardoso e Fernando Sylvan escreveram as suas obras. Tem toda a razão. Vamos então aprender tétum usando apenas explicações em tétum:

"Ora, parese katak verbu lia-tetun nian simples no 'mamar' liu verbu lia-portugés no lia-inglés ninian, maibé bainhira ita liu ba feisaun seluk sistema verbál nian, mak ***aspetu****, ita haree kedas katak dalen austronéziku sira (tetun no malaiu) maka kompleksu ka 'toos', enkuantu dalen europeu sira simples ka 'mamar'.*
Tempu ne'e feisaun gramatikál ida-ne'ebé hatán ba lia-husun 'bainhira?'. Dalen austronéziku sira (hodi haleno makdalek sira-nia kultura) ladún importa kona-ba tempu, ne'ebé importante tebetebes fali ba malae-Europa sira. Dalen austronéziku sira hali'is liu ba aspetu, ida-ne'ebé hatán ba lia-husun 'hotu ka seidauk?'.
Hodi hanoin kona-ba hahalok ida hotu ka seidauk, makdalek tetun baibain husu an se hahalok ne'e karik
(1) sei la'o hela lailais/maka'as nune'e uza matadak gresivu ***daudaun***
(2) sei la'o hela neineik nune'e uza matadak estativu ***hela***
(3) sei la'o hela, la'ós prontu atu hotu nune'e uza matadak prospetivu ***sei***
(4) hotu tiha ona nune'e uza matadak perfetivu ***tiha***
(5) hahú ona nune'e uza matadak insetivu ***ona***
(6) hahú ona no mós hotu ona nune'e uza matadak (katetek) perfeitu ***tiha ona***

(7) foin hahú nune'e uza matadak resentivu ***foin***
(8) atu hahú de'it nune'e uza matadak aprosimativu ***ba***
(9) prontu ona atu hahú nune'e uza matadak iminentivu ***atu****" (**)*

Como vê o tétum tem de facto muito vocabulário oriundo do português, mas ainda assim seria mais fácil para o aprendente lusófono se estas explicações sobre o sistema de tempo-modo-aspecto do idioma estivessem em língua portuguesa. (Para os que se interessam realmente pelo tema é oportuno lembrar que as explicações incluídas no *"Guia de Conversação Português-Tétum"* de Luís Costa, pág. 27-29 – que repetem mais ou menos o que diz Basílio de Sá (***) em 1961 – estão gramaticalmente incorrectas, devido fundamentalmente a uma simplificação excessiva e errónea e à tentativa de espremer à força o tétum para dentro da gramática do português.)

Há teorias que defendem o ensino da língua segunda e da língua estrangeira usando apenas a língua alvo, mas a validade disso na prática depende de muitas circunstâncias. Qualquer pessoa percebe que faz todo o sentido ensinar espanhol a portugueses falando apenas em castelhano, ou que um aluno português de nível universitário a viver em imersão linguística num país escandinavo pode frequentar com proveito aulas do idioma nacional leccionadas apenas nessa língua. Mas agora imagine que está num ambiente onde se fala a sua língua materna e a aprender em contexto escolar japonês, chinês, basco, umbundo, indonésio ou tétum, e o

professor ensina utilizando exclusivamente esse idioma. Passará meses de frustração sem compreender quase nada do que está a ser dito, sentir-se-á desmotivado, talvez desista do curso e quando um amigo lhe perguntar o que já sabe dizer na língua que estudou poderá ter que confessar que só aprendeu as saudações básicas. Pense então no aprendente timorense, que tem que lutar também com outros condicionalismos como a situação socio-económica do país e a falta de conhecimentos metalinguísticos básicos não adquiridos devido ao péssimo sistema de ensino existente.

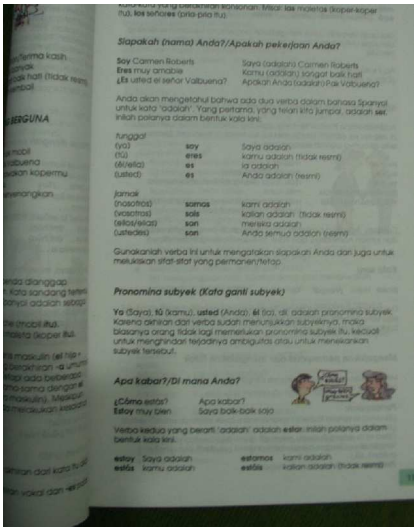
Os materiais para o ensino de português em Timor-Leste têm sido habitualmente elaborados (ou adaptados de outros já existentes) em gabinetes em Portugal por pessoas que não conhecem as línguas relevantes no país. Ter o tétum em conta ao escrever um livro de PL2/PLE (português língua segunda/língua estrangeira) não significa meramente mandar traduzir para essa língua as instruções do género "Preencha os espaços em branco". Também não significa agarrar num livro usado em Lisboa para ensinar estrangeiros e mudar apenas as Elisabeth para Marias Imaculadas e a Rua Augusta para Colmera. Contextualizar o ensino da língua inclui ter em atenção que um falante de inglês usa o verbo "*to be*" onde um português usará "*ser*" ou "*estar*", e que portanto haverá que dar uma atenção especial aos diferentes usos destes dois verbos. Para um falante de castelhano já só será importante explicar algumas poucas diferenças entre os "*ser*" e "*estar*" deles e os nossos. Em tétum não há verbo "*ser*". Há docentes em Timor que ensinam os alunos a memorizar transcrições fonéticas do português europeu padrão

como aprenderam na Faculdade, esquecendo que os alunos não têm acesso fácil a falantes desse dialecto, e que os timorenses que falam fluentemente a língua portuguesa usam regras fonológicas diferentes.

Por outro lado existem os "nativistas" que pensam que contextualização de materiais didácticos para as escolas de Timor significa que os livros não podem mencionar nada que seja exterior à realidade do aluno timorense típico. Vivem angustiados com a possibilidade de alguém lhes chamar neo-colonialistas. Exaltam-se se vêem uma ficha sobre transportes que mencione o comboio, porque não há comboios no país. Pois eu espero vir a criar os meus filhos em Timor e quero que eles saibam o que são comboios. Também não há naves espaciais em Portugal e quando eu era pequeno aprendi o que eram. Os livros escolares coloniais onde só apareciam maçãs e pêras, e nada de bananas, mangas e papaias, eram ridículos. Mas querer aprisionar as crianças nos limites da sua aldeia em vez de lhe dar também algumas janelas para ver o mundo também é digno de comiseração.

Uma outra lacuna grave do ponto de vista estratégico é a não instrumentalização da língua indonésia. Não me perceba mal, caro leitor, eu também sou dos que consideram o indonésio uma ameaça latente contra a especificidade cultural timorense, e acho que é da maior importância a disponibilização de apoios para o desenvolvimento do tétum. Mas às vezes é útil usar as armas do adversário (as Falintil usavam armas americanas capturadas ou compradas aos militares ocupantes, não iam combatê-los com *surik* – espada tradicional

– em nome da pureza cultural). Justificava-se a produção de materiais para o ensino do português a jovens adultos utilizando a língua indonésia, que é aquela em que a maior parte desses alunos fizeram o seu percurso escolar e cuja gramática estudaram. Seria fácil evitar leituras políticas inapropriadas elaborando esses materiais tendo como público-alvo directo e declarado os próprios indonésios, já que o Instituto Camões tem um leitorado em Jacarta, e disponibilizando depois em Timor uma grande parte da tiragem. Nas pequenas livrarias improvisadas em cima de uma lona no chão ou de uma mesinha na beira das estradas em Díli (os locais em que normalmente os timorenses compram livros) é mais fácil encontrar manuais de espanhol do que de português, e estes têm procura pelos muitos candidatos a uma bolsa de estudos para Cuba.



Siapakah (nama) Anda?/Apakah pekerjaan Anda?

Soy Carmen Roberts	Saya (adalah) Carmen Roberts
Eres muy amable	Kamu (adalah) sangat baik hati
¿Es usted el señor Valbuena?	Apakah Anda (adalah) Pak Valbuena?

Anda akan mengetahui bahwa ada dua verba dalam bahasa Spanyol untuk kata "adalah". Yang pertama, yang telah kita jumpai, adalah **ser**; inilah pelanya dalam bentuk kala kini.

tunggal

(yo)	**soy**	Saya adalah
(tú)	**eres**	kamu adalah (tidak resmi)
(él/ella)	**es**	ia adalah
(usted)	**es**	Anda adalah (resmi)

jamak

(nosotros)	**somos**	kami adalah
(vosotros)	**sois**	kalian adalah (tidak resmi)
(ellos/ellas)	**son**	mereka adalah
(ustedes)	**son**	Anda semua adalah (resmi)

Gunakanlah verba ini untuk mengatakan siapakah Anda dan juga untuk melukiskan sifat-sifat yang permanen/tetap.

Pronomina subyek (Kata ganti subyek)

Yo (Saya), **tú** (kamu), **usted** (Anda), **él** (ia), dll. adalah pronomina subyek. Karena akhiran dari verba sudah menunjukkan subyeknya, maka biasanya orang tidak lagi memerlukan pronomina subyek itu, kecuali untuk menghindari terjadinya ambiguitas atau untuk menekankan subyek tersebut.

Apa kabar?/Di mana Anda?

¿Cómo estás?	Apa kabar?
Estoy muy bien	Saya baik-baik saja

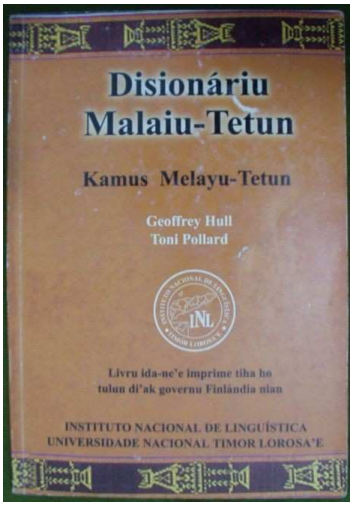
Verba kedua yang berarti "adalah" adalah **estar**; inilah pelanya dalam bentuk kala kini.

estoy	Saya adalah	**estamos**	kami adalah
estás	kamu adalah	**estáis**	kalian adalah (tidak resmi)

Há uns anos uma instituição portuguesa envolvida no ensino de português em Timor orgulhava-se de disponibilizar glossários técnicos em português e tétum que consistiam em duas colunas com os termos numa e noutra língua. Na realidade a utilidade de tais listas de palavras é muito reduzida já que boa parte dos termos técnicos do tétum disponibilizados são propostas novas de um cultor da língua, que os falantes não apenas ainda não utilizam como precisam até de explicações adicionais para compreender. Esse caminho é interessante para o desenvolvimento do tétum, o que é útil, mas pouco produtivo para outro objectivo, o da divulgação da língua portuguesa no momento imediato. Os falantes jovens que usam ainda empréstimos lexicais do indonésio para o vocabulário técnico ao falarem em

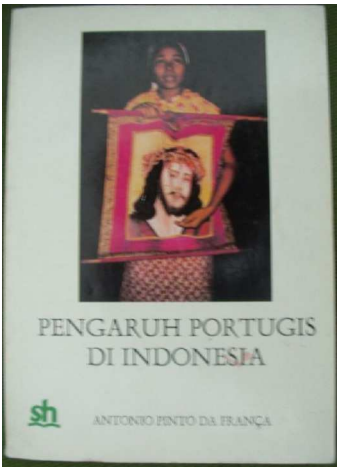
tétum achariam mais útil um glossário de indonésio-português. Assim poderiam saber que "*pengacara*" corresponde a "*advogado*", em vez terem uma lista a informar que "tét–*advogadu* = port–*advogado*". Se o jovem timorense que está a procurar a palavra não conhecia o vocábulo "*advogado*", mas apenas "*pengacara*", o glossário é completamente inútil para elucidá-lo. O professor português que está a dar uma aula apoiado em tais materiais procurará inutilmente termos cujo significado em língua portuguesa os alunos solicitam, coisas como: *hukuman mati*, *hukum adat*, *hakim*, *kesaksian*, *olah raga*, *piala dunia*, *tinju*, *catur*, *wasit*, *pemenang*, *(sekolah) swasta*, *TK* (lê-se "te ka"), *pariwisata*, *kwitansi*, *sejarah*, *arsitek*... Se houvesse glossários técnicos indonésio-português disponíveis o professor poderia dar as respostas: *pena de morte*, *direito consuetudinário*, *juiz*, *testemunho*, *desporto*, *campeonato do mundo*, *boxe/pugilismo*, *xadrez*, *árbitro*, *vencedor*, *(escola) privada*, *escola pré-primária*, *turismo*, *recibo*, *história*, *arquitecto*. O Instituto Nacional de Linguística (INL) está atento à necessidade de substituir os empréstimos lexicais do indonésio que ainda vão aparecendo nas conversas e textos em tétum e por isso publicou o muito útil "*Disionáriu Malaiu-Tetun*" (2002), de Geoffrey Hull e Toni Pollard, patrocinado pela Finlândia. Os autores também prepararam um *Dicionário Malaio-Português*, que está pronto há muito tempo, mas que nenhuma instituição portuguesa se disponibilizou para publicar. Pode ser que qualquer dia a Finlândia resolva investir na divulgação da língua portuguesa e então o dicionário possa ser publicado...

Devia haver comunicação entre os



representantes do Instituto Camões em Jacarta e em Díli, isso traria proveito para ambas as partes. Instituições portuguesas como a Gulbenkian dão bolsas de estudo a estudantes timorenses que frequentam universidades indonésias, talvez fosse possível chegar a algum tipo de acordo entre esta fundação, o Instituto Camões (do MNE) e o Governo timorense, de forma a que a atribuição da bolsa tivesse associada a exigência de frequência de aulas de português com aproveitamento para os alunos que estão em Jacarta, onde o IC tem um leitorado. Aliás,

isso deveria até ser alargado a pelo menos mais uma cidade, Yogyakarta, onde há uma enorme concentração de estudantes de Timor-Leste, eventualmente com a colocação de mais um leitor ou assistente português. A França não tem laços históricos relevantes com a Indonésia, ao contrário de Portugal, mas o Centro Cultural francês em Yogyakarta é mais bem equipado e mais activo do que o Centro Cultural português em Díli!! E o que vai salvando a honra do convento aqui é o empenho da Mara, dinâmica jovem responsável por ir fazendo omeletes quase sem ovos... Mesmo iniciativas meritórias levadas a cabo pelos portugueses em Jacarta, como a publicação de uma tradução para indonésio do livro de António Pinto da França "*Portuguese Influence in Indonesia*" [*Pengaruh Portugis di Indonesia* (2000)], não têm eco em Díli.



Deveriam ter sido distribuídos, ou pelo menos disponibilizados para venda, muitos exemplares dessa tradução em Timor, em vez disso apareceu só meia dúzia de exemplares, vendidos apenas numa ONG de jovens timorenses que tinham estudado na Indonésia, agora já extinta. A revista indonésia de literatura "*Prosa*" (193 págs) publicou em 2002 a tradução de uma extensa entrevista de Katherine Vaz a José Saramago, além do texto em indonésio do primeiro capítulo do "*Ensaio sobre a Cegueira*". Não existe nenhum exemplar nas bibliotecas que os portugueses mantém em Timor, apesar de terem sido então alertados.

Muitos portugueses em Timor, incluindo alguns professores, têm uma visão eurocêntrica da realidade linguística local e agem como se a língua

portuguesa fosse a panaceia universal capaz de resolver todas as dificuldades do país. Nem lhes passa pela cabeça que a vida quotidiana das pessoas se centre em problemas mais prementes do que a língua, e vêem como uma ofensa pessoal a decisão de algum timorense de aprender inglês para ver se arranja emprego. Dizem orgulhosamente que não lhes apetece perder tempo a estudar tétum porque é uma língua que não serve para nada e que estão em Timor é para ensinar português. Gostava de os ver na França a tratar com essa sobranceria os franceses e a sua língua. Os australianos, que são mais práticos nestas coisas, aprendem geralmente tétum, que para eles é de mais difícil aprendizagem do que para nós por causa da quantidade de empréstimos do português que nós já conhecemos previamente e eles têm que decorar pela primeira vez. Desta forma eles

conseguem conversar com toda a gente, com destaque para os jovens, enquanto os portugueses se entretêm a falar sozinhos ou com os velhos que lhes dizem o que eles querem ouvir

A produção portuguesa sobre línguas de Timor é escassa e ainda não se libertou de alguns complexos hoje anacrónicos. Mesmo o "*Dicionário de Tétum-Português*" (2000) de Luís Costa, timorense residente em Portugal, é um dicionário para malai ver, não tem os timorenses como público alvo (além

de não usar a ortografia oficial do tétum, mas isso é outra história...). Bastante diferente é a filosofia que tem presidido à elaboração de gramáticas, prontuários, livros de exercícios, etc, do INL. Veja-se o impressionante dicionário monolingue de tétum, "*Disionáriu Nasionál ba Tetun Ofisiál*" (2005), de 872 páginas, resultante de um trabalho de equipa de linguistas australianos e timorenses, e patrocinado pela União Europeia e por instituições austríacas. Há professores portugueses em Timor com uma atitude louvável, que tentam investigar e produzir alguma coisa fundamentada, principalmente para o ensino de PL2, mas não é fácil com os horários carregados que têm e com os condicionalismos que enfrentam. Deveria haver uma política determinada de produção de materiais didácticos, o que implicaria reduzir a carga horária dos envolvidos.

Kursu
Gramátika Tetun
ba Profesór, Tradutór, Jornalista
no Estudante Universidade Sira
Geoffrey Stephen Hull, Ph.D
UNIVERSITY OF WESTERN SYDNEY
Antérito Jose Guterres Correia, M.A.
UNIVERSIDADE NACIONAL TIMOR LOROSAE

O tétum não está em concorrência com o português, mas pode roubar cada vez mais espaço de manobra ao indonésio na sociedade timorense. O português continuará a ser necessário para o futuro da nação, principalmente após a escolaridade básica. E claro que não há recursos disponíveis em tétum para formar um engenheiro ou um médico. Contudo, se alguém pensar em fazer um plano nacional de leitura para as escolas de Timor, isso só será minimamente credível actualmente se for com livros em tétum. Seria necessário mudar a mentalidade

colonialista/colonizada no que se refere à forma como se olha para a língua nacional de Timor-Leste. Muitas percepções incorrectas devem-se apenas ao eurocentrismo. Uma vez, aquando da visita de um especialista em manuais escolares numa missão do Banco Mundial, houve uma reunião do tal senhor com um pequeno grupo de intelectuais timorenses, na qual também fui chamado a participar. A determinada altura defendi que o tétum deveria ser usado para fornecer explicações nos manuais de português e dei o exemplo de aulas de iniciação em que o professor malai tenta explicar a diferença entre "*ser*" e "*estar*" recorrendo a vocabulário e conceitos gramaticais complicados que o aprendente que não conhece os significados de "*ser*" e "*estar*" nunca compreenderá. Um amigo meu retorquiu que seria difícil explicar a diferença entre esses verbos por não existir uma tradução directa de "*ser*" em tétum, o que – acrescentou – trazia dificuldades acrescidas à teologia e ontologia. No livro de Susan Bassnett "*Estudos de Tradução*", p.XXIV, podemos encontrar talvez uma resposta a esta última inquietação:

"*Lefevere explica-se bem quando enumera alguns absurdos da história cultural que derivam de uma concepção excessivamente estreita da tradução: «Dá que pensar (...) que o Aramaico que Jesus Cristo falava fosse destituído de verbos copulativos, especificamente do verbo 'ser', apesar de os teólogos se terem questionado durante séculos sobre o verdadeiro significado do 'é' que aparece, na tradução grega, em frases do tipo 'este é o meu corpo' e que tenham queimado, sempre que tiveram esse poder, aqueles que discordavam da sua reescrita.»* "

Numa outra ocasião explicava eu a dois colegas docentes universitários portugueses uma característica da variedade de português falada pelos timorenses que é influenciada pelas línguas autóctones: a resposta a perguntas na negativa. Se eu perguntar a um português "*Não vais?*" é de esperar que ele responda "*Não*" se não pretender ir, mas um timorense irá responder "*Sim*" na mesma situação. Se um lisboeta tiver um convidado de Timor e lhe perguntar "*Não quer mais café?*" e este disser "*Sim*" o português irá encher-lhe novamente a chávena e o timorense ficará muito surpreendido. A resposta do timorense é afinal mais lógica do que a nossa: "*sim = é verdade que não vou*", "*sim = é verdade que não quero mais café*". Isto também acontece no tétum. Os meus colegas achavam que isso era uma forma incorrecta de organizar o pensamento, um entrave ao raciocínio científico. Estive a tentar convencê-los com argumentos do relativismo cultural aplicado às línguas, mas entretanto descobri um de maior peso. É que o japonês também funciona como o português falado em Timor e o tétum, e não passa pela cabeça de ninguém imaginar que a língua japonesa seja um obstáculo ao raciocínio científico.

Noutra situação ainda, uma amiga a quem estava a dar aulas de tétum comparava a gramática deste idioma à da "novilíngua" de Orwell em "*1984*". Mas afinal também o chinês, p.ex, tem adjectivos que são verbos, além de palavras novas formadas por composição do género de "*ró-ahi*" ('*barco-fogo*' = *navio a vapor*): em mandarim "canguru" é algo como 'ratazana bolsa', "girafa" é 'veado pescoço comprido', "telefone" é 'palavras eléctricas', "computador" é 'cérebro eléctrico', os termos habituais para

"europeu" costumavam ser 'diabo estrangeiro' ou ocasionalmente 'nariz grande'... Mas não esqueçamos que a China tem uma civilização milenar, que produz actualmente também tecnologia de ponta, e que há quem defenda que no final do século XV a China tinha escrito e reproduzido sozinha mais livros do que todos os restantes países do mundo em conjunto. Outros tentam tirar mérito ao tétum por ter muitos empréstimos lexicais do português. Respondo com o exemplo do inglês, cujo vocabulário é em cerca de cinquenta por cento proveniente do francês e do latim.

O português é na minha opinião essencial para um futuro harmonioso em Timor-Leste, mas é necessário reflectir sobre todas estas questões. Não chega ter boas intenções. Em ocasiões anteriores tenho manifestado a minha perplexidade por haver docentes portugueses que usavam o "*Auto da Barca do Inferno*" como obra de estudo nos cursos para ensinar a língua portuguesa a professores timorenses nos vários distritos. Houve quem discordasse de mim. Aos que gostam da ideia de ensinar português em Timor recorrendo a Gil Vicente, recomendo uma experiência iluminadora: vão aprender a falar inglês usando como texto base os "*Canterbury Tales*" de Geoffrey Chaucer, ou, melhor ainda, o "*Beowulf*".

Uma parte enorme do corpo docente das escolas do país tem apenas qualificações mínimas. Muitos queixam-se de não compreender os livros que lhes dão para usar. Um livro para ser usado em aulas de português, ou leccionadas em português, com estas características deve ser acompanhado de um manual do professor que traga as lições planeadas até

ao pormenor, antecipando as dúvidas do docente e explicando em tétum as respostas que ele deverá dar aos alunos. Os autores destes livros devem conhecer muito bem a realidade social, linguística, cultural e educativa do Timor dos dias de hoje. Mas como criticar é fácil, vou passar a tentar convencer alguém a dar-me as condições necessárias para produzir o tipo de materiais que me parece que fazem falta para complementar o que já há. Andemos, que é para a frente que é o caminho.

(*) NURDIN, Ade, MARYANI, Yani dan MUMU – *Intisari Bahasa dan Sastra Indonesia: Ringkasan Materi Lengkap disertai Contoh Soal-Jawab dan Latihan UAN*, Cet. II. Bandung, Pustaka Setia, 2004, p. 43

(**) Hull, Geoffrey Stephen e Correia, Adérito José Guterres – *Kursu Gramátika Tetun – Ba Profesór, Tradutór, Jornalista no Estudante-Universidade Sira*. Díli, Instituto Nacional de Linguística, 2005, p. 38 [trata-se de um livro sobre a gramática do tétum destinado a um público falante dessa língua]

(***) Sá, Artur Basílio de [ed. crítico] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961, p. XXX-XXXI

12 comments

Se o ensino do português em Timor-Leste é tão complicado como é o seu texto, então é melhor abandonar já!

Também não entendo se o Tétum é tão próximo do português porque é que os professores de português têm de conhecer o Tétum, pois é melhor a imersão mas claro que os professores têm de conhecer um mínimo da língua materna o como cortesia e para a vida de todos os dias... os professores também têm de ir às aulas!

Posted by ***Navigateur/Mareante 11:30 PM***

ola joão paulo esperança.Amanhã domigo embarca para a inglaterra um jovem timorense de Dili que esteve em minha casa 10 dias.Cá em casa quem fala o tetun trapalhão sou eu, mas ele
nestes dias a conviver com minha familia já diz muita frazes em portugues ,pois para mim os metodos especificos é mais complicado. as crianças podem aprender a falar o portugues normal é com a convivensia umas com as outras como acontecia nas escolas militares e como já sabe eu andei por essas escolas . Mas diz o ditado popular que de pequenino se trosse o pepino luis na costa da caparica

Posted by ***luis 1:44 AM***

O seu artigo faz-me lembrar um mareante perdido na

vastidao do oceano sem bussola nem terra ah vista.
Compreendo que sendo o Portugues uma lingua dificil de estudar, principalmente por quem nao quer, ou nao ve nela objectivos praticos, e que nem eh usada no dia a dia, e que nem sequer eh precisa para obter o passaporte Portugues (para se ir trabalhar para a Inglaterra e outros paises da UE) seja considerada pelos TIMORENSES, principalmente os que tem uma formacao escolar Indonesia, como uma estupada.
Serah que o interesse da lingua Portuguesa em Timor eh verdadeiramente do interesse dos Timorenses?
Talvez alguns, cujas raizes se estendem de lah para cah e de cah para lah, tenham a veleidade de pensar num Timor inserido no contexto CPLP, mas soh alguns.
Depois da "DESCOLONIZACAO?" de Timor, ficou latente em Portugal um frio sentimento de culpa misturado com vergonha e algum paternalismo ah mistura.
No "Verao Quente" DAS ATROCIDADES INDONESIAS, deu-se a explosao desses sentimentos recalcados no seio da Nacao Portuguesa e quase direi que expontaneamente, surjiu o desagravo (ainda que tardio) da desastrada e criminosa DESCOLONIZACAO.
Ah pressa e ah ultima, como eh apanagio dos bons Portugueses fizeram-se slogans, vigilias e cancoes em defesa da martirizada gente de Timor, lencois brancos ahs janelas e cordoes humanos em Lisboa, e Timor foi proclamada como prioridade Nacional.
COMO SEMPRE TARDE DEMAIS.
Faltava no entanto o "mea culpa" politico e esse veio na forma da CPLP e da lingua Portuguesa.
No entanto, como no tempo da DESCOLONIZACAO,

Portugal nao tinha e nao tem capacidade para cumprir o que promete e o resultado estah bem ah vista nas entrelinhas do artigo publicado.
Manuel Carlos

Posted by ***Manuel Carlos 9:34 AM***

PARABÉNS João Paulo Esperança. O seu trabalho é muito bom, muito importante e muito oportuno. Só não gostam aqueles que têm complexos de culpa, telhados de vidro ou inveja pelo seu excelente trabalho que tem cativado os timorenses. Bem haja.

Posted by ***timor-deste 3:11 PM***

Se o problema eh dar os Parabens ao autor do artigo, quem sou eu para o nao fazer pois que demonstra, muita sapiencia e interesse por essa materia. PARABENS pois e pode querer que sao merecidos. No entanto como o comentario escrito por mim o nao visava nem sequer ah sua capacidade talvez profissional, mantenho o resto do meu escrito.
Com respeito aos telhados de vidro, ou complexos de culpa desculpe a anonima "Timor-deste",melhor serah que olhe primeiro para os telhados da sua casa, quanto a culpa, deixo-lhe um mote que pode desenvolver "QUEM NAO TEM CULPAS QUE DEITE A PRIMEIRA PEDRA".
Manuel Carlos

Posted by ***Manuel Carlos 8:11 PM***

Com culpas ou sem culpas, com flagelações ou sem elas, se Timor-Leste é hoje independente foi porque foi uma colónia portuguesa, se hoje ainda se fala português, mesmo se pouco, como sempre por lá pouco se falou, foi graças à luta de Libertação e se o Tétum ainda vinga, foi graças à resistência da Igreja Católica, se não fosse tudo isso, hoje Timor-Leste faria parte integrante da Indonésia

A resistência à língua portuguesa é protagonizada pelos jovens que foram formatados pelos indonésios mas que hoje talvez sonhem no eldorado australiano, um país que é bom lembrar nunca permitiu a imigração negra ou mesmo mestiça de negro, pelo menos até há bem pouco tempo e que sempre maltratou o povo aborígene.

Aguardemos os resultados das eleições timorenses para ver qual foi o futuro que o povo soberano escolheu para si e par o país, desde já é realçar a forma pacífica como decorreu o acto eleitoral.

Posted by ***Navigateur/Mareante 2:04 AM***

A escolha do português como uma das línguas oficiais de Timor Leste era, parafrasando Winston Churchill, "a pior das opções, exceto todas as outras", as outras sendo o indonésio ou o inglês. Como Australiano que tem seguido a história da luta timorense das últimas 32 anos, sei muito bem que nem o meu país nem o outro grande vizinho de Timor Leste vai sublimar os próprios interesses aos dos timorenses. TL precisa do português para dar-lhe uma terceira alternativa à prepotência dos vizinhos enormes.

A escolha do método didáctico deve depender dos estudantes. Não vejo porque o método da imersão total não pode funcionar para os mais jóvens (como funciona muito bem para os filhos dos imigrantes no meu país como em Portugal). Uma geração muito importante para TL é a "geração perdida" de adultos jovens que cresceram e foram educados na época indonésia. São os próximos líderes da nação e precisam de cursos específicamente construidos para eles, provavelmente utilizando o indonésio como língua de transição.

Posted by ***mtjones 3:02 AM***

Senhores(as)
Convido.vos a visitar http://anapintura.blogspot.com
Tem 5 trabalhos sobre Timor.
att
anA

Posted by ***anA 9:52 AM***

O problema com os australianos e os indonésios e que não compreendem a história de Timor Leste, mas o problema com os portugueses e os brasileiros e que não compreendem a geografia de Timor Leste

Não há quase nenhum comércio entre Portugal e a Ásia, em comparação a outros países da UE, como a Dinamarca, um país menor que Portugal, que tem embaixadas em Singapura e Malásia. Já não há vôos directos regulares entre Lisboa e cidades na Ásia. Os asiáticos não conhecem nada de Portugal, que

poderia ser um outro planeta, não outro país.
Embora haja comunidades portuguesas na Austrália, nenhuma universidade não ensina a língua portuguesa

Os portugueses e brasileiros têm que reconhecer que embora o ensino da língua portuguesa em Timor Leste seja desejável, não é a única língua oficial. O tétum é uma língua oficial também, que merece aquele reconhecimento e respeito.

A coexistência de línguas é melhor que a exclusão de uma para uma outra, e a exposição a uma língua é mais eficaz do que a compulsão de aprendê-la. A emissão de telenovelas brasileiras, no português original, com legendagem em tétum ou indonésio, faria muito mais divulgar a língua portuguesa do que qulaquer uso da língua nos escritórios do governo ou os tribunais.

A propósito dos timorenses no Reino Unido com passaportes portugueses, que não falam o português, conheci muitos que não falam inglês tampouco! É por isso que as autoridades na Irlanda do Norte traduziram documentos para o tétum, algo que as de Timor Leste ainda não fizeram.

Embora muitos timorenses queixem que o português é dificil, o seu domínio de inglês é frequentemente muito fraco.

A situação é tão problemática para os professores de Portugal ou do Brasil como é para os timorenses. A simplicidade de Lisboa e Brasilia resultou numa falta de preparação. (Acham que Timor Leste é uma

sociedade lusófona?)

Uma professora brasileira em Timor (que agora tem aprendido o tétum) me queixou

"Nao conheco a existencia de dicionarios portugues-indonesio....ate procuramos, pois aqui no nosso trabalho precisamos e muito pra traduzir
alguns silabus em indonesio para os livros didaticos em portugues....muitas vezes contamos com a ajuda dos proprios timorenses pra nos ajudar...e esse trabalho contamos muito com a ajuda do dicionario ingles-indonesio...mas perde-se muito em algumas traducoes."

Os melhores modelos para uma sistema de educação em Timor Leste seriam o Luxemburgo (sistema trilíngue) e Paraguay (com instrução bilíngue).

Posted by ***Blog Na'in 2:38 AM***

Eu ensino português em Timor-Leste. Não a adultos, mas a crianças pequenas. Ao fim de dez meses elas já transmitem ideias e emoções em português. Claro que não aplicam correctamente os tempos verbais, esquecem as partículas de ligação mas... se continuarem a falar esta língua durante as 5 horas em que estão na escola, pelo menos, daqui a 2 ou 3 anos falarão um português não só perceptível como com alguma correcção.

Não sei se quando forem adultos o português não será, em Timor-Leste somente a língua dos intelectuais... mas o que sei é que foi uma opção

vossa, a de adoptar a língua portuguesa, e deve ser apoiada a respeitada. É por isso que nós, professores portugueses, aí estamos – para dar resposta a um interesse vosso, de reaprender a língua portuguesa. Será que nos restantes países que utilizam a língua portuguesa, esta gerou tanta polémica?

Posted by ***Maria 4:38 PM***

kapaz los , bele fo hela dictionario ne'e ida ba hau

Posted by ***Robert Mendonca 12:23 PM***

Sexta-feira, Novembro 02, 2007
A língua portuguesa na Guiné-Bissa

Andei a ver os comentários que foram feitos a alguns textos que escrevi sobre o português em Timor. Fiquei curioso por encontrar quem argumentasse contra a utilização do tétum como apoio para o ensino do português invocando a experiência dos PALOP. É que são contextos bem diferentes. Os países independentes que surgiram nas antigas colónias portuguesas em África continuaram a usar o português como língua oficial, da administração, da escola, e não passaram por um interregno de 24 anos de ocupação estrangeira e utilização de uma outra língua oficial. No caso de Angola, por exemplo, a independência veio até a favorecer o uso do português, devido à guerra civil e ao problema dos deslocados e migração para meio urbano, e consequente destruição das redes sociais tradicionais

onde se usavam exclusivamente as línguas bantas. Há agora uma maior percentagem de angolanos a ter o português como língua materna do que alguma vez houve durante a época colonial. Por outro lado, neste país, como em Moçambique, ainda que haja muita gente que fala um português rudimentar, é normal que esse seja o idioma utilizado quando pessoas de etnias diferentes se querem entender umas com as outras; em Timor é o tétum que cumpre este papel. Os indonésios promoveram a massificação do ensino, num país de crianças e jovens. Em indonésio.
E para além de tudo isto o tétum é também língua oficial ao lado do português. Não parece evidente que a metodologia do ensino da língua portuguesa em Timor tem que ser diferente?

Mas para perceber melhor o que se passa nos PALOP será bom também olhar para a Guiné-Bissau. Este texto de Fanca Sani é elucidativo :[*link*]

Posted by ***João Paulo Esperança 4:19 PM***

QUINTA-FEIRA, SETEMBRO 20, 2007

Ensinar português em Timor II

«Posso ter a minha opinião sobre muitos temas, sobre a maneira de organizar a luta; de organizar um partido; uma opinião que se formou em mim, por exemplo, na Europa, na Ásia, ou ainda em outros países da África, a partir de livros, de documentos, de encontros que me influenciaram. Não posso porém pretender organizar um partido, organizar a luta, a partir das minhas ideias. Devo fazê-lo a partir da realidade concreta do país.»

*Amílcar Cabral (citado no livro "**Cartas à Guiné-Bissau – Registo de uma experiência em processo**", de Paulo Freire, [p. 9])*

O ensino do português em Timor andaria melhor se fosse organizado ouvindo as opiniões de quem está no terreno e conhece a situação real do país, mas muitas vezes os apelos e sugestões dos professores que lá labutam há muitos anos caem nos ouvidos moucos de técnicos de gabinete agarrados em Lisboa às rotinas que criaram noutras eras e noutros cenários (como p.ex. Angola e Moçambique, que são contextos muito distintos) e mais preocupados com o protagonismo das suas instituições do que com o futuro dos timorenses. As declarações do Secretário de Estado dos Negócios

Estrangeiros e da Cooperação, João Gomes Cravinho, que esteve recentemente em Timor em contactos com o actual Governo do país, parecem indicar que as autoridades portuguesas estão empenhadas em que isso mude. O governante referiu-se nomeadamente, de acordo com os jornais, à necessidade de os professores aprenderem tétum, o que parece demonstrar intenção de promover a aquisição de competências específicas para o labor docente destes e para uma melhor integração na sociedade timorense.

Um dos maiores obstáculos à eficácia dos esforços de ensino da língua portuguesa em Timor tem sido o paroquialismo das instituições envolvidas, o arreigado hábito lusitano de "cada um puxar a brasa para a sua sardinha". Quando cheguei a Timor há seis anos, ao serviço de uma instituição lusa para dar aulas na universidade nacional pública, o "rival" era o Ministério da Educação português, que tinha uma centena e meia de docentes no terreno e se tinha disponibilizado para ceder alguns para darem aulas aos universitários. O Instituto Camões (ICA) é que em Portugal tem a responsabilidade de promover o português no ensino superior no estrangeiro, pelo que houve que recrutar rapidamente aqui um grupo de professores para irem dar aulas para a UNTL, a recibos verdes. Pouco depois o "adversário" passou a ser a Fundação das Universidades Portuguesas (FUP), que arrancou com um conjunto de cursos superiores leccionados por docentes idos de universidades daqui, por períodos de dois meses, incluindo um curso de formação de professores de português. Como o Instituto Camões também apoiava um curso com os mesmos objectivos, passaram a

existir ao mesmo tempo, na mesma faculdade, dois cursos superiores apoiados por Portugal e leccionados por portugueses para formar docentes timorenses de português, que funcionavam em portas contíguas, mas de costas voltadas. Esta caricata situação só terminou alguns anos mais tarde quando alguém no Governo, em Lisboa, decidiu que só haveria financiamento para um curso e que as instituições tinham que se entender umas com as outras. A coordenação científica do novo curso foi entregue à professora Mariette Bolina da FUP, que trouxe uma inovadora e benvinda postura dialogante para as reuniões, e que conseguiu uma coisa nova importante: exames de selecção de candidatos que permitem excluir os piores, mas mantendo a possibilidade de os jovens que não dominam ainda o português poderem frequentar um ano propedêutico, onde adquirem as bases que lhes permitirão depois passar nas provas para ingresso na licenciatura. Actualmente as cadeiras de língua portuguesa do curso são leccionadas por docentes do ICA, e as restantes (linguísticas, literaturas, didácticas,...) por professores da FUP. Ah!, e entretanto ao longo destes anos, deixou de haver "veto" sobre a presença de docentes do Ministério da Educação português a ensinar na universidade. Agora há finalmente uma boa cooperação entre as instituições, mas muita energia foi inutilmente desperdiçada antes de se chegar a este ponto.

Situação actual da língua portuguesa e do seu ensino

Em Timor a situação real da língua portuguesa é bastante melhor do que dizem os

australianos e pior do que gostam de pensar os portugueses (a wikipédia em português diz que 25% da população fala a língua! hahaha!). Todos os timorenses têm pelo menos algum grau de conhecimento passivo do idioma da lusofonia devido à grande quantidade de empréstimos lexicais do português que entraram para o tétum e para as outras línguas timorenses através dos séculos, mas há uma diferença entre compreender vagamente o assunto de um discurso e ser capaz de ler um livro. É um facto que se fala agora muito mais português do que quando lá cheguei, mas oito anos depois da saída dos indonésios os sucessos estão muito aquém do que seria de esperar tendo em conta o investimento que foi feito. Como diz Flávia Ba no editorial de um *Várzea de Letras* recente, há uma realidade nova que é o "*o aparecimento de jovens que falam a língua portuguesa e que a aprenderam já depois do fim da ocupação indonésia*" e "*uma geração nova nas escolas primárias timorenses que, principalmente na montanha, não fala já fluentemente a língua dos ocupantes*", uma vez que "*no interior do país há muitas crianças que fizeram toda a escola primária em tétum e português e que da língua da* ***integrasi*** *e da* ***otonomi*** *não sabem mais do que algumas palavras*". Porém, esses jovens são em percentagem ainda muito reduzida (boa parte deles alunos nos cursos da FUP e do ICA na UNTL). Poderiam ser mais se não tivesse havido durante bastante tempo nos cursos de formação de professores uma aposta clara (e a meu ver inadequada) num público-alvo de velhos lusófilos. Muitos destes timorenses mais idosos são pessoas extraordinárias (mesmo que o aproveitamento de alguns nas diferentes disciplinas deixe frequentemente bastante a desejar) que

mantiveram a língua portuguesa viva em Timor apesar de todas as pressões dos indonésios. Bastantes deles têm até um certo prestígio nas suas comunidades por serem os que sabem português, e sentem-se particularmente embaraçados quando ao voltarem à escola como alunos depois de trinta anos ou mais acabam por não conseguir passar de ano, porque não basta falar razoavelmente um idioma para tirar um curso superior. Talvez a solução fosse preparar cursos especiais de reciclagem para estes aprendentes, com objectivos distintos dos outros. Parece-me que se deveria olhar seriamente para as estatísticas do corpo discente dos diversos projectos de formação de professores que Portugal patrocina, uma grande percentagem dos formandos estará reformada daqui por cinco anos. Todos os graduados até agora como professores nos dois cursos abertos em 2001 pelo ICA e pela FUP são, com uma única excepção, pessoas de idade madura, todos já falavam português antes de entrarem para a UNTL, e a grande maioria já dava aulas desse idioma antes de iniciar esta formação académica. Serão agora talvez melhores docentes, e fizeram um percurso de valorização pessoal importante, pelo que merecem ser elogiados. Mas em relação ao problema global de escassez de professores a sua graduação não resolveu muita coisa. Não seria boa ideia apostar preferencialmente na formação de jovens, mesmo que entrem para os cursos sem saber nada de português? O currículo teria que ser adequado para esse público. Um aluno em Portugal pode entrar para um curso superior que forma professores de italiano, por exemplo, sem saber nada desse idioma; a ideia é que o aprenda durante o curso.

Elites culturais, cena literária, livros e bibliotecas

Os graduados que mencionei fazem parte de uma elite cultural e intelectual leste-timorense, a mesma a que pertence grande parte dos principais líderes políticos actuais, uma geração de quadros cuja formação de base é lusófona. O curso não foi desperdiçado neles, já que vários estão na linha da frente do combate pelo português, acumulando empregos e ajudando a formar novas fornadas de falantes. Mas há outra elite em Timor, que vêm da geração educada sob influência indonésia e que vai controlar as rédeas do país a curto-prazo, à medida que forem desaparecendo de cena os líderes históricos. Alguns portugueses não confiam neles, acham que eles estão só à espera de uma oportunidade para tirar o estatuto oficial à língua portuguesa. Alguns líderes timorenses da velha-guarda também não os apreciam muito, o ex-Primeiro Ministro Mari Alkatiri referia-se a eles nos jornais como "*sarjana super-mi*". O *super-mi* é uma massa instantânea indonésia a que basta juntar água quente, é muito barato e também se consome imenso em Timor, portanto a expressão pode traduzir-se mais ou menos por "licenciados massa instantânea". Os adversários de Mari Alkatiri retorquiam que o ensino universitário em Moçambique – onde ele se formou – também não prima pela excelência. De qualquer maneira, a razão porque ele lhes chamava isso tem a ver com a má qualidade e corrupção que existe nas universidades indonésias, onde esses quadros se formaram. Mas nem tudo é mau no ensino superior indonésio, também aí há gente bem formada, e existem instituições onde muitos docentes

têm doutoramentos feitos em algumas das melhores universidades dos Estados Unidos, Austrália ou União Europeia. E há a vivência académica fora das aulas, que teve um papel importante na formação política e pessoal de muitos jovens quadros timorenses. Recordemos que esses eram os tempos da militância em organizações como a Renetil e a Impettu, e de concertação de estratégias com o movimento indonésio pró-democracia que veio a varrer o país, e principalmente as universidades, numa mobilização sem precedentes contra o regime de Suharto.

Contrariamente ao que alguns portugueses pensam, a Indonésia não é um deserto cultural. Antes tem uma cena artística e literária pujante, onde coexistem colectivos e grupos literários alternativos que organizam sessões públicas de declamação de poesia e leitura de contos ou representação de peças teatrais com cadeias de edição, distribuição e venda de livros que cobrem o país, como a Gramedia (do tipo FNAC). Ofereci a amigos em Timor vários exemplares da tradução indonésia de "*O Nome da Rosa*" de Umberto Eco, que de resto são vendidos a um preço bastante inferior ao da edição portuguesa. Também ofereci dois exemplares da tradução indonésia do "*The Da Vinci Code*". Escritores indonésios como Ayu Utami chegam a vender mais de 100.000 exemplares de um livro. Alguns jovens timorenses que estudavam na Indonésia durante a ocupação moviam-se nesses meios de activistas políticos apreciadores e produtores de literatura alternativa, e viveram nesse país o equivalente do que foi a experiência da geração da Casa dos Estudantes do Império para os movimentos independentistas dos

PALOP. Alguns vieram a congregar-se em Díli em organizações como o Sahe Institute for Liberation, a Yayasan HAK, a (entretanto extinta) revista Talitakum, e o partido PD. O Instituto Sahe publicou em língua indonésia alguma literatura política ligada aos países lusófonos, nomeadamente uma tradução de uma obra de Samora Machel sobre poder popular e uma outra de um livro de Ronald H. Chilcote sobre Amílcar Cabral. Na mega-Feira do Livro que o Instituto Camões organizou em Díli em 2003, que foi um enorme sucesso, encontrei um destes jovens activistas à procura de livros. Trazia na mão para comprar um exemplar do "*Creole*" (tradução inglesa do "*Nação Crioula*" de José Eduardo Agualusa) e um do "*The first global village – How Portugal changed the world*" de Martin Page. O moço não falava português e por isso o evento tinha pouco para lhe oferecer. Parece-me que os esforços portugueses na área da educação lusófona e da cultura se têm concentrado principalmente na terceira idade e, a um nível diferente, nas crianças. Esta geração foi bastante esquecida, e é bom lembrar que eles serão os próximos líderes de Timor.

Havia estudantes timorenses na Indonésia que faziam de vez em quando coisas como dizer orações em português um ao outro em ritmo de conversa para fazer crer aos colegas indonésios que dominavam a língua. O objectivo era marcar a diferença cultural. Vários tentavam aprender alguns rudimentos de português com recurso a velhos catecismos ou qualquer outro texto a que deitassem as mãos. Esses jovens davam uma grande importância simbólica à língua de Xanana e dos seus comunicados. Hoje em dia muitos são adultos com

menos disponibilidade do que nos tempos da mocidade, sem tempo para frequentar assiduamente e com aproveitamento os cursos de língua portuguesa que aparecem, e consomem principalmente produtos culturais indonésios, porque a lusofonia não coloca à sua disposição produtos culturais oriundos da CPLP em formato que possa ser consumido por eles. Falo de filmes e telenovelas legendados em tétum (ou mesmo em indonésio, formalmente destinados à divulgação no país vizinho mas disponibilizados também em Timor), de literatura lusófona traduzida... Por isso compram parabólicas para ver os canais indonésios, e a elite lê livros de autores de língua inglesa, espanhola, etc... traduzidos para indonésio. Os filhos e sobrinhos deles andam na escola primária, onde muitos já não aprendem indonésio, e falam mais português do que eles, mas quando chegam a casa toda a família se senta a ver a telenovela venezuelana dobrada em língua indonésia.

De vez em quando o programa da RTP Internacional "*Timor Contacto*" mostrava umas reportagens sobre peças de teatro em português organizadas por portugueses ou brasileiros em Timor, e era deprimente ver como o público era quase inteiramente constituído por malais, com uma ou outra entidade timorense a marcar presença. Eram literalmente "para malai ver". E nos eventos organizados por timorenses em tétum também era raro aparecer público português. Uma excepção a isto era o jornal literário "*Várzea de Letras*", que publicava textos originais em português e tétum e traduções de excertos de obras lusófonas para tétum. Foi fundado por Sóstenes Rego como um jornal de parede para publicar trabalhos dos seus alunos na

UNTL, e depois deu um passo em frente sob a orientação de Flávia Ba e, com patrocínio do Instituto Camões, passou a ser publicado em papel como jornal literário do Departamento de Língua Portuguesa da UNTL. Sinto-me orgulhoso de ter contribuído também com textos para o "*Várzea*" enquanto por lá andei. Creio que a Flávia Ba está de partida, espero que isso não signifique a morte do projecto. Quando estava prestes a vir para Portugal fui contactado por um investigador galego que queria saber mais sobre a cena literária local, sugeri-lhe que conversasse com o poeta timorense Abé Barreto, que frequentemente está ligado à organização de eventos como noites de declamação de poesia, e com a Mara do Instituto Camões, uma das poucas pessoas da comunidade portuguesa que frequenta habitualmente estes meios.

Faltam livros em Timor. Livros em português são necessários e úteis, mas é preciso também um investimento sério na publicação de livros em tétum. Urge um Plano Nacional de Leitura para Timor, bilingue, com uma forte componente em tétum, com livros escolhidos por quem tem experiência no terreno, com base não nas leituras preferidas dos organizadores mas sim naquilo que os aprendentes são capazes de ler. E faz muita falta uma biblioteca em Díli. Uma biblioteca de qualidade, não os muitos quase depósitos de livros que por lá há. Numa área de poucas centenas de metros quadrados no centro da capital timorense há duas bibliotecas do Instituto Camões, uma mediateca do BNU/CGD, a biblioteca da Faculdade de Ciências da Educação da UNTL com livros oferecidos por Portugal (e que passa uma boa parte do tempo fechada)... porém nenhuma delas tem

bibliotecários. Há vários funcionários zelosos, que têm normalmente outras responsabilidades na área da gestão e contabilidade, mas seria desejável formação específica de biblioteconomia. A pessoa que na prática toma conta da biblioteca pode ter sido contratada, por exemplo, para fazer limpezas e falar muito pouco português, apesar de noventa e nove por cento dos livros estarem nesse idioma. Quando um utente entra na biblioteca não há um apoio adequado para o orientar (e note-se que a maior parte dos utilizadores não tem experiência prévia nenhuma a lidar com livros e bibliotecas). A minha sugestão? Fechar estas bibliotecas todas (estão a três minutos a pé umas das outras!) e concentrar todo o acervo numa única grande biblioteca da Cooperação portuguesa, num edifício suficientemente grande, transferindo para lá os funcionários administrativos, de limpeza, motoristas, etc... Depois contratar bibliotecários ou dar formação adequada a alguns dos que já existem. Dado que mexer em livros é uma vocação, que não nasce de repente só porque há uma vaga para trabalhar numa biblioteca, poderia ser feita a selecção de candidatos entre os finalistas dos cursos que a FUP, Ministério da Educação português e ICA mantém em Timor, e poderia preparar-se um curso intensivo de biblioteconomia de um semestre a ser leccionado pela BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas) ou pela própria FUP (muitas universidades portuguesas têm hoje cursos de biblioteconomia). Depois era só dar-lhes um salário suficientemente atractivo para eles não terem que acumular empregos e para não irem rapidamente trabalhar para alguma outra instituiçao.

Falar com todos ou só com alguns?

Procuro habitualmente falar português com os meus alunos, mesmo fora das aulas (há alguns que são excepção a isto porque nos tornámos amigos antes de eles aprenderem português e agora é estranho mudar da língua doméstica para um idioma mais formal – uma questão de hábito), porém nas aulas de iniciação à língua portuguesa repetia as explicações em tétum e quando eles me abordavam nos corredores com alguma dúvida esclarecia-os nessa língua quando o português impedia a comunicação. Acontecia-me com alguma frequência haver estudantes que me vinham pedir que lhes explicasse em tétum alguma coisa que um colega meu tinha acabado de leccionar em português noutra disciplina e que eles não tinham compreendido. Falo em tétum com os taxistas, e com as tias que vendem no bazar, e com as empregadas de mesa (a não ser que eles tomem a iniciativa de usar o português) – o que me evita muitos mal-entendidos. As moças que trabalham nos restaurantes são um dos grupos de jovens que mais rapidamente aprendem a desenrascar-se na língua de Camões (só são ultrapassadas pelos putos que vendem CDs e isqueiros nas ruas), por necessidade, porque uma percentagem grande da clientela é constituída por gente lusófona. A aprendizagem do português é necessária para a estabilidade no emprego, ou para poder mudar para um estabelecimento com mais nível, e com melhor salário. Assim, é perfeitamente correcto que os portugueses se dirijam a elas neste idioma. Menos correcta é a atitude intolerante e mesquinha a que infelizmente se assiste de vez em

quando nos restaurantes de Díli quando algum "cooperante" pouco disposto a cooperar provoca cenas constrangedoras repreendendo alarvemente em voz alta as empregadas por não compreenderem um pedido, esquecendo-se de que não está num restaurante chique de Cascais (ou quiçá de Freixo de Espada à Cinta) e de que o português que as raparigas sabem tem vindo a ser aprendido numa de formação contínua "*on the job*", como agora se diz. Invariavelmente a moça acaba por se retirar resmungando entre dentes palavrões em tétum contra a arrogância do malai. Nos Correios de Díli falo normalmente português porque há lá umas senhoras simpáticas que dominam a língua, mas uma vez em que lá estava entrou um americano do "*Peace Corps*" a falar tétum pelos cotovelos e a senhora que me estava a atender começou a dizer que todos os malais aprendiam a língua nacional timorense menos os portugueses, de forma que continuei a conversa em tétum para lhe mostrar que há excepções. Mas na vez seguinte que lá fui continuei a usar o português, claro. Como falo bem tétum e não tenho aspecto de australiano nem faço os "r" esquisitos da pronúncia deles, os timorenses costumam perguntar-me se sou brasileiro – não estão habituados a que os cooperantes portugueses aprendam a língua daqueles com quem cooperam...

Os professores portugueses, principalmente os que labutam nos distritos fora da capital, devem ser louvados pelo seu sacrifício e esforço. Trabalham frequentemente em lugares de difícil acesso, a muitas horas de viagem da capital, fazem muitos quilómetros por más estradas para cobrir as diversas escolas da sua zona de actuação, não têm acesso fácil

a bibliografia adequada... Além de tudo isso, quando a situação se torna mais complicada, como aquando dos confrontos do ano passado, não reagem com pânico histérico e não fazem evacuações relâmpago, como fizeram os australianos e os americanos. Os timorenses em geral gostam deles. Para melhorar mais ainda o seu desempenho, creio que será útil dar-lhes as condições para que aprendam tétum e incentivá-los a que o façam. Não apenas porque isso tem reflexos nas competências profissionais específicas para o exercício da sua função em Timor (ainda que haja às vezes uma tendência para o ensino do português no estrangeiro privilegiar o professor-turista em vez do professor-especialista, o volume de investimento em Timor justifica que as coisas sejam feitas com uma abordagem diferente), mas também porque isso os tornará pessoas mais felizes. Muitos dos docentes portugueses são jovens e é normal que gostem de fazer amigos entre pessoas da mesma faixa etária, ora, se não souberem tétum não poderão facilmente socializar de forma normal com timorenses que tenham menos de cinquenta anos. Saber tétum promove uma melhor integração. E ninguém gosta de viver sozinho numa ilha. Um professor de línguas, como um tradutor, é um construtor de pontes entre culturas.

11 comments

Interessantíssimo post, parabéns!

Um abraço da Espanha

ruypster - Blog
Là où je passe, je laisse ma trace.

Posted by ***ruypster 3:00 PM***

O seu texto eh um bocado comprido mas parece que sabe o que diz. Como timorense tambem espero que o portugues seja mais falado aqui e espero que os portugueses se entendam para nos ajudar da melhor maneira. E tambem espero que respeitem o nosso povo e as nossas outras linguas, como o tetum.

Posted by ***Ita Timor Oan Sira Hotu 11:14 PM***

JP e a voz da esperiencia. Sabe da materia e conhece bem os Timorenses desde os tempos de Jamor. E interessante ler o que foi escrito no jornal NT News sobre a extincao das linguas aboriginas sendo uma das principais causas o ingles. Afinal o linguistico George Hull sempre tinha razao em dizer que o ingles era uma lingua que inpedia o crescimento das linguas indiginas.

Posted by ***Mano Fuick 5:14 AM***

O professor Geoffrey (não George) Hull foi correcto acerca do mau tratamento dos aborigines na Austrália, mas isto é por causa da colonização europeia, e o feito que a população indígena é agora uma minoria minúscula. Podemos dizer exactamente o mesmo acerca do tratamento dos índios no Brasil.

Posted by ***Blog Na'in 2:12 AM***

Este malai sabe o que diz. Mandem mais como ele

Posted by ***Sakoko Nakar 1:56 AM***

A discussão sobre o que o tipo escrevu está toda em outro blog. Copio para aqui.

Margarida disse...
Achei piada a este texto. Começa o JPE por sentenciar que em TL o "ensino do português em Timor andaria melhor se fosse organizado ouvindo as opiniões de quem está no terreno" e começa desancando nas Instituições Portuguesas que estão a formar professores em TL.

Depois sobre a situação do Português e do ensino aproveita para vender o peixe do costume: desvalorizar, omitir ou criticar as prioridades do executivo da Fretilin no que toca ao ensino e aprendizagem do Português. Assim critica a formação de professores na casa dos cinquenta anos (obviamente os que já tinham bases da língua), passa como cão por vinha vindimada sobre o ensino nas

escolas primárias e omite totalmente os esforços para o ensino da língua aos actuais funcionários (incluindo militares e polícias). E tudo isto para nos "vender" que importante, importante era "apostar preferencialmente na formação de jovens" na "outra elite" a que "vêm da geração educada sob influência indonésia e que vai controlar as rédeas do país a curto-prazo", os que "serão os próximos líderes de Timor", nos que davam "uma grande importância simbólica à língua de Xanana" antes da independência.

Parte então para o rosário das queixas habituais, a falta de "produtos culturais oriundos da CPLP", a falta dos livros, a falta de uma "biblioteca em Díli. Uma biblioteca de qualidade, não os muitos quase depósitos de livros que por lá há", porque "nenhuma delas tem bibliotecários". Sugere "fechar estas bibliotecas todas" e "concentrar todo o acervo numa única grande biblioteca", e depois "contratar bibliotecários ou dar formação adequada a alguns dos que já existem", obviamente com "um salário suficientemente atractivo".

Sobre a sua experiência de falante diz que procura "habitualmente falar português com os meus alunos, mesmo fora das aulas", diz que fala "em tétum com os taxistas, e com as tias que vendem no bazar, e com as empregadas de mesa", que nos "Correios de Díli falo normalmente português porque há lá umas senhoras simpáticas que dominam a língua, mas uma vez em que lá estava entrou um americano do "Peace Corps" a falar tétum pelos cotovelos e a senhora que me estava a atender começou a dizer que todos os malais aprendiam a língua nacional timorense menos os

portugueses, de forma que continuei a conversa em tétum para lhe mostrar que há excepções. Mas na vez seguinte que lá fui continuei a usar o português". Claro que perdeu uma boa oportunidade para explicar às senhoras simpáticas que o Português a par do Tétum são as línguas nacionais, mas o JPE estava mais inclinado a mostrar que "falo bem tétum".

E acaba com os elogio aos "professores portugueses", com a recomendação de "dar-lhes as condições para que aprendam tétum", também "porque isso os tornará pessoas mais felizes", "promove uma melhor integração"

Isto é, nem o JPE fez aquilo que começou por recomendar que se fizesse, que se ouvissem "as opiniões de quem está no terreno". Ficou-se pelas generalidades, simpatias e antipatias que já lhe conhecíamos e nem sequer se referiu que agora a língua a que os amigos de Xanana dão importância já é outra.
23 de Setembro de 2007 0:03

Luís disse...
Se este autor pensa mesmo que as moças portugueses para namorarem os Timorenses precisam de saber Tétum, nunca foi ao Algarve! Mas se as moças estão aí para ensinar português a mim parece-me que se elas apenas falarem português é mais um incentivo para os moços aprenderem a outra língua nacional. Acho é que quantos menos obstáculos se levantarem a quem quiser ensinar e a quem quiser aprender tanto melhor.

23 de Setembro de 2007 4:57

Ita Timor Oan Sira Hotu disse...
Concordo no geral com o que diz este senhor, apesar de escrever textos muito compridos. Uma pessoa cansa-se de ler e tem que fazer um intervalo.
A Margarida continua a espalhar so veneno. Mas desta vez nao percebi o que ela quer, quase so copiou o texto do homem e nao disse mais nada. Da maneira que eu percebi ele diz que deviam ouvir alguns professores que estao aqui em Timor e que sabem o que fazem em vez de deixar tudo na mao dos chefes dessas instituicoes que estao em Lisboa e so inventam.
E como sempre a Margarida aproveitou para gabar so a FRETILIN, porque so a FRETILIN eh que sabe e mais nao sei que... A lingua portuguesa em Timor nao eh da FRETILIN minha senhora, a lingua portuguesa em Timor pertence a nos os timorenses.
Alguem neste blog sabe quanto eh que a FRETILIN paga a Margarida por mes?

23 de Setembro de 2007 7:28

Anónimo U.S.A disse...
Parece evidente que os conhecimentos, sobre a questão, que JPE tem demonstrado possuir devem ser levados em conta. E muito a sério.
É sabido que o vício do ME em Portugal é decidir em gabinetes, provavelmente recorrendo a técnicos antigos do tempo das colónias...
Não me admirava nada, pois até os PIDES ainda hoje são peritos em segurança e funcinários do Estado!

O que há a fazer é recolher opiniões de professores interessados em participar no ensino em Timor-

Leste. Esse participar inclui entender os timorenses na sua língua nacional, caso contrário não fará sentido estarmos a querer ensinar a nossa. Ensinemos aprendendo... ou ensinemos sendo também ansinados. Um professor é isso mesmo.

23 de Setembro de 2007 7:5

Margarida disse...
Vamos lá a ver se percebemos que de facto TL é um país independente e que compete ao seu governo definir todas as suas políticas incluindo a política do ensino das línguas nacionais. Obviamente no que diz respeito ao ensino do Português - e como não se pode fazer tudo ao mesmo tempo - o governo Timorense definiu – como lhe compete exclusivamente – as suas prioridades: apostou na formação dos professores, no ensino nas escolas primárias e na formação dos funcionários. E obviamente os antigos falantes da língua – a geração dos cinquenta e mais – aproveitou a oportunidade e inscreveu-se nos cursos de formação dos professores. O JPE discorda, acha ele que o governo devia ter dado prioridade aos jovens intelectuais formados na Indonésia, não liga muito ao ensino primário e nem menciona o ensinos aos funcionários. É livre de emitir as suas opiniões mas nada acrescente à questão nem traz qualquer achega pensada quanto a isso.

E como professor de português nem me parece que se empenhou muito no ensino e na divulgação da língua pois que me parece bem mais que quer nas aulas quer fora delas o que aproveitou foi para exercitar o Tétum esquecendo que estava em Timor primordialmente para ensinar o português e não tanto para ele

aprender o Tétum.

Além de que sabemos todos que há também em Timor bastantes professores brasileiros e ele nem os menciona. Os professores de português que aí estão têm por missão principal o ensino do português e as instituições estrangeiras de ensino de português estão aí a desenvolverem programas que acordaram com o governo Timorense que definiu os objectivos e as prioridades da sua missão. E mal dos professores e das instituições que em vez de desempenharem a missão para que foram contratados se metem noutro tipo de actividades descurando a sua missão principal que é repito o ensino e a divulgação da língua portuguesa.

23 de Setembro de 2007 8:30

Anónimo disse...
"os timorenses costumam perguntar-me se sou brasileiro – não estão habituados a que os cooperantes portugueses aprendam a língua daqueles com quem cooperam..."

23 de Setembro de 2007 9:3

Anónimo disse...
Ó Luís, olhe que eu estive em Timor e lá não é o Allgarve. A maioria das professoras portuguesas não estão interessadas em namorar com os nativos, preferem dar umas cambalhotas com os GNRS. Eu tinha amigos timorenses e tinha uma amizade bastante próxima com um rapaz que me visitava de vez em quando, pois olhe que de cada vez que ele aparecia lá em casa os meus colegas (homens e

mulheres) olhavam para ele como se ele fosse um extra-terrestre. Quando eu tentava dizer-lhes que era a mesma coisa que ter visitas de cubanas ou Internacionais como eles e elas tinham, eles diziam com um ar de babacas "ó tu francamente, olha que não é a mesma coisa!"
A comunidade portuguesa é pior que um ninho de ratazanas, adoram dizer mal uns dos outros, e uma rapariga que anda com um timorense passa a andar falada por toda a gente.

23 de Setembro de 2007 10:05

Breno Santana disse...
A coisa é assim mesmo Margarida, na hora de pedir ajuda os timorenses sempre lembram dos brazucas mas na hora de agradecer aí a nossa ajuda já não conta, nós não existimos, como você pode perceber neste texto só os portugueses estão ajudando no ensino da língua portuguesa. E olha que historicamente o Brasil não possui ligação nenhuma com Timor-Leste, além apenas de ambos terem sidos colonizados por Portugal, acho que seria uma boa idéia o governo brasileiro parar de mandar dinheiro pra essa gente mal agradecida e Portugal também. Deixem eles nas mãos dos "aussies", eles vão ver o que é bom pra tosse.

23 de Setembro de 2007 12:22

Anónimo disse...
As guerrilhas sem sentido entre instituições são infelizmente uma realidade e a análise que o João aqui faz é bastante sóbria e realista (felizmente, pelo que ele diz, a situação parece ter melhorado desde o

tempo em que eu lá estive). Há anos que o João se bate pela melhoria do ensino do português e pelo reforço dos laços de Timor com o resto da lusofonia. As críticas dele neste texto são bastante moderadas, e deveriam ser tidas em conta por quem de direito. Também há anos que nos habituámos a que o João diga aquilo que muitos de nós pensamos, mas não temos coragem de dizer por receio de represálias (não é fácil ser professor em Portugal e a possibilidade de não renovarem os contratos a quem precisa deles é uma poderosa arma de dissuasão).
Para quem se interessa por Timor (e eu vou continuar sempre a interessar-me porque, apesar de a minha passagem por aquela terra tão sofrida e tão bela ter sido breve, vivi lá momentos muito importantes da minha vida) algumas das questões que ele levanta são até já familiares. Por exemplo a questão das bibliotecas foi levantada pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos na revista Visão, onde ele dizia:
"O segundo problema é institucional. A duplicação de serviços internacionais é kafkiana e significa um enorme desperdício de recursos. Para além do Instituto Camões, temos os gabinetes de relações internacionais dos ministérios da Educação, da Cultura e da Ciência e Tecnologia. Entre eles não existe qualquer articulação e as sobreposições são óbvias. Aliás, o mesmo acontece no interior do próprio Instituto Camões, onde há duas divisões significativamente chamadas “serviços de língua e intercâmbio cultural” e “serviços de cultura externa” com pouca articulação entre si. Em Díli há duas bibliotecas portuguesas distanciadas 500 metros uma da outra. Este caos burocrático não permite repensar os leitorados nem questionar por que razão somos o único país sem institutos de línguas que gerem

receitas próprias. Tão pouco permite ver que quinhentos livros escolares nas escolas plurilingues de BA teriam mais efeito de futuro que uma dispendiosa exposição em Genebra ou outra capital europeia.”
http://www.ces.uc.pt/opiniao/bss/129.php

23 de Setembro de 2007 12:29

Margarida disse...
O JPE tem todo o direito de expressar as suas opiniões sobre as questões da cooperação portuguesa, tem com certeza muitos palcos para o fazer, mas parece-me desajustado fazê-lo num blog do Público sobre Timor. Isto é, aproveita um espaço que foi criado na sequência da crise (obviamente para falar desse país) para ajustar contas com instituições portuguesas e para promover as suas ideias e os seus amigos (os jovens letrados indonésios, o PD) e isso no meu ponto de vista nada ajuda nem ao ensino do Português nem à melhoria desse ensino em TL.

E insisto que a principal missão dos professores de Português em TL é o ensino e a expansão da língua.

23 de Setembro de 2007 16:33

Anónimo disse...
Tenho lido comentários que me estão a fazer perceber existir algum distanciamento da parte dos portugueses em Timor-Leste em relaç«ao aos timorenses. Talvez até umas résteas de racismo.
Gostaria de fazer recordar como acho que funcionava o convivio dos portugueses do exército colonial com os timorenses, pelo menos sempre vi e vivi assim

enquanto estive em Timor.
Se é certo que dos milhares de militares que lá estavam só uma minoria se dava abertamente com famílias e amigos timorenses, não mé menos verdade que muitos faziam uma vida absolutamente intensa com os do país, então colónia.
A maior parte dos clubes de futecol eram integrados por portugueses e timorenses, desde o Café, de Ermera, do Casimiro, ao Benfica, de Díli, do capitão Sezinando - um antifascista de primeira água. Também no teatro se verificava o mesmo, principalmente no teatro fomentado por esse Sezinando - em que Natália Carrascalão chegou a participar.
Se é verdade que também não era uma generalidade, não é menos verdade que nunca notei críticas por parte de outros em relação à integração que muitos portugueses procuravam em relação às pessoas e quotidiano timorense.
O tetum aprendia-se naturalmente. Eram os timorenses que nos ensinavam e portugueses havia que sabiam escrever e ler em tetum. Lembro o caso do semanário militar A Província de Timor, que publicava todas as semanas textos de lendas em tetum com a respectiva tradução em português.
Ora isto queria significar que não se via aquilo que mais acima é dito num comentário, presumo que de uma professora, preconceitos, racismo em relação a receber em nossa casa timorenses!
Bom será não considerarem as "bocas" e quebrarem os tabus.
Não conheci pessoas mais capazes de perservar uma amizade que os timorenses e não podem ter mudado tanto assim.
Tenho amizades timorenses de cerca de 40 anos,

permanentes.
A minha vida seria muito menos interessante sem esses amigos e amigas.
Experimentem e ficarão mais ricos.
Além disso há as minhas amigas timorenses, que são excepcionais, bonitas por dentro e por fora, impares.
Sobre os homens não posso pronunciar-me. Mas sei de quem tem muito boa opinião.
Os detratores que quebrem os tabus e vão para Timor não só para ganhar mas sobretudo para aprender e ensinar... mas principalmente para viver com os timorenses. É uma estupidez viver como um europeu em Timor!
Por lá devem viver como os timorenses!

Manuel

23 de Setembro de 2007 18:

Anónimo disse...
Por acaso a Margarida tem razão quando fala do blog do Público apenas servir para promover as ideias destes dois, o Esperança e a Carrascalão, e não informar com o mínimo de objectividade sobre o que se passa em Timor.

23 de Setembro de 2007 19:02

Anónimo disse...
O blog do Publico tem dois colaboradores que sao a Maria Angela e o JPE e sao colaboradores para escreverem a sua opiniao e a sua leitura do que se passa em Timor. Sei que nao sao pagos e por isso sao independentes e pensam com a sua propria cabeca e nao sao como a Margarida, que nao tem opinioes

proprias e eh paga pela FRETILIN para ser so eco do Mari. As unicas vezes que ela nao se limita a repetir a cassete da FRETILIN eh quando fala do Tibet que entao repete a cassete do PCP

24 de Setembro de 2007 2:38

Anónimo disse...
Ó Margarida, então mas o Boaventura SOusa SAntos não é lá da sua área política? E o Amílcar Cabral também?

24 de Setembro de 2007 2:51

Margarida disse...
Eu não ponho em causa nem o direito do Público contratar (e de pagar, insisto o Público paga-lhes) quem lhe apetecer nem esses dois escreverem também o que lhes apetecer. O que acho é que não está bem o nome do blog para aquilo que muitas vezes eles escrevem, estados de alma, simpatias e antipatias sem o mínimo de objectividade.

Ainda esta semana esteve por aqui o texto da Àngela sobre a discussão do programa do governo e se relerem o texto verão que nem uma frase tem sobre o assunto que esteve em discussão, o próprio programa do governo. E neste texto do Esperança apontem-se só s.f.f. que "subsídios para o ensino do português em Timor" é que lá encontram? Francamente? Má-língua à farta sobre as tricas paroquiais portuguesas bastante, mas tudo espremido o que é que de lá tiram? Muito pouco não é verdade?

Eu nada tenho contra nenhum deles, nem os conheço

sequer, mas francamente não gosto de ver um espaço sobre Timor desaproveitado desta maneira para promover dois fulanos e muito menos gosto de ver por lá escrito rumores, boatos e difamações como tenho visto, acho mesmo de muito mau gosto.

Quanto às referências ao Boaventura Sousa Santos e ao Amílcar Cabral foram escolhas do autor, legítimas, como podiam ter sido outras ou nenhumas. Como se lembram o Amílcar foi um grande patriota guineense e um grande africano assassinado pela ditadura e bastante falta fez ao seu povo e o Boaventura é da área do BE e normalmente nem concordo com o que escreve. Mas parece-me que nem sequer o Esperança percebeu o que queria o Amílcar dizer com "Devo fazê-lo a partir da realidade concreta do país», pois essa prática não a aplicou ele no seu escrito.

Eu costumo não tanto atacar, defender ou citar pessoas mas as acções ou ideias dessas pessoas. E francamente nisso ambos exageram e pior ainda neste texto faz o Esperança ao decretar – por mais de uma vez! - que o Estado Timorense não devia ter apostado na formação de professores na casa dos cinquenta. O que é que ele queria que o Estado fizesse a essa geração que tem ainda tanto para dar e que principalmente tem muito amor pela língua Portuguesa? Uma injecção atrás da orelha? E demonstra esta insensata opinião do Esperança algum conhecimento da realidade concreta do país?

24 de Setembro de 2007 4:01

JT disse...
No fundo a tamagoshi até sabe que o JPE tem razão,

mas como ele foi convidado pela UDT para estar na convenção de Peniche, automaticamente é inimigo e logo, tem que estar errado.
Assim como é óbvio que nenhum dos dois é pago para escreverem no blog do público. Só a mesquinhez dessa imbecil lhe permite dizer esses dislates.
Cada vez me apetece menos participar neste debate contra tamanha pobreza de espírito.
É o mesmo que tentar argumentar racionalmente contra um reprodutor de cassetes.

24 de Setembro de 2007 4:50

Anónimo disse...
Figurão! Como habitual já a senhora Margarida fala sem saber o que diz. A preocupação com idade idosa dos poucos professores que desenrascam em português não foi o autor deste texto que descobriu. Foi um problema que preocupa a gente desde o início. Nas SMP e nas SMA quase não temos professores de português e na escola primária a maioria são velhos por isso estamos muito preocupados. Já estavamos preocupados no governo anterior e continuamos preocupados agora. Eu trabalho com educação e a senhora está enganada porque o governo FRETILIN não pediu os portugueses para formar velhos pediu para formar professores que é diferente. Porque nós queremos professores que ensinam muitos anos e não professores que estão quase no tempo de morrer. A gente aqui precisa de uma escola como Canto Resente antigamente para ensinar os jovens a sair professor. Eu sou da FRETILIN e acho que a senhora é amiga do Mari Alkatiri. Ele é muito cabeça dura e estraga o partido. A gente na base gosta mais do Lugo.

Viva Timor-Leste!
Viva Fretilin mudança!

24 de Setembro de 2007 4:52

Margarida disse...
Mas há alguma mesquinhez em receber-se por se escrever? É o nornal, ninguém trabalha para o boneco, francamente nem percebo porque é que insiste na tolice de querer convencer alguém que o Público não paga aos seus colaboradores.

Obviamente que a formação dos professores vai continuar e que mais alguns vão ter a sua oportunidade mas faz-me impressão essa falta de respeito pelas pessoas que aguentaram todos os 24 anos da luta e que chegados à independência querem afastar apenas por causa da idade. Parece-me que isso nada tem de saudável e que nem sequer se coaduna com a vossa cultura nacional de respeitar os mais idosos.

Em África onde eu vivi havia um genuíno respeito pelos mais velhos e parece-me muito estrangeirada essa vossa maneira de reagir perante os que apesar das dificuldades guardaram e mantiveram o amor pela língua portuguesa.
24 de Setembro de 2007 5:07

Anónimo disse...
Fui dar uma olhada ao blog do JP Esperança e agora já não compreendo nada. Então esses tipos do PD também são comunas? Samora Machel e tal!
4 de Setembro de 2007 5:51

Anónimo disse...
Penso que o que o senhor de Timor aí em cima quiz dizer é que o sistema de ensino deles precisa de professores jovens para ser sustentável. A minha filha está em Timor a dar aulas e também diz a mesma coisa. Os professores mais velhos são merecedores de todo o respeito das novas gerações mas não chegam para as necessidades, e terão poucos anos mais de vida profissional activa. E tem que haver maneiras de inverter essa situação seja o governo comuna ou não comuna. Não me parece que o povo Português vá mandar eternamente professores para lá. Apesar de a minha filha e muitos dos colegas dela que lá estão gostarem muito de Timor e dizerem muito bem dos Timorenses que são muito hospitaleiros, respeitadores e simpáticos. Mas tem que começar a haver professores Timorenses para aguentar o sistema.
E não concordo que seja preciso falar tetum para dar aulas em Timor, mas a rapariga diz que sabe meia dúzia de frases e dão muito jeito quando vai ao mercado lá na montanha.

24 de Setembro de 2007 6:03

Margarida disse...
Estou de acordo consigo, claro que fazem falta também professores novos, mas é preciso tempo para se formarem e apenas desde o ano passado o governo começou a receber os rendimentos do Fundo do Petróleo que fora estabelecido anteriormente. E antes, sem ovos não se podiam fazer omoletas e pareceu-me correcta a maneira de aproveitar o que já havia - falantes de português - para de emergência

formar os professores possíveis. Mas uma certa arrogância dos formados na Indonésia a quererem simplesmente afastar os que resistiram e lutaram criou rupturas na sociedade como esta crise bem mostrou e isso ninguém de bem pode aceitar.

Em Timor-Leste faltava tudo; depois do Referendo em 1999 as milícias destruiram mais de 80% das ibfra-estruturas e deixaram centenas de milhares de refugiados e Dili a arder, além de mais de 1400 mortos. E a chegada de todos esses internacionais trazidos pela ONU só armou confusão com ordens e contra-ordens disparatadas. É bom lembrar que apenas para formar a polícia havia polícias de cinquenta e tal nacionalidades e não havia sequer uma orientação clara e cada um ensinava o que sabia com sistemas diferentes e muitas vezes opostos uns aos outros e foi a ONU que recrutou as polícias começando por recrutar os que antes tinham trabalhado para os Indonésios como foi o caso do ex-comandante Paulo Martins.

Foi esta confusão toda que herdou o I Governo Constitucional, sem aparelho administrativo, sem leis, sem instituições. Do nada e da confusão deixada pela ONU teve que erguer um aparelho de Estado, teve que refazer e construir infra-estruturas,teve que pôr a funcionar um sistema de educação e de saúde, teve que repor a economia a funcionar e sempre com um PR e uma igreja às canelas, a morder, a sublevar, a exigir, a criticar, a difamar, a exagerar. E tudo foi feito sem ter havido um único preso político, sem um caso de tortura, tudo dentro do máximo respeito pelos direitos humanos, com a maior tolerância, sem dinheiros desperdiçados, sem corrupção e sem

comprometer o futuro do país.

E quando havia projectos, dinheiro e estava na hora de lançar obras, o programa de uma refeição quente em todas as escolas primárias, quando já havia médicos em todos os sucos - pela 1ª vez na vida de TL - os malandros soltam os polícias contra militares e arranjaram a crise com quase 200 mil deslocados, mais de 6000 casas, negócios, instalações públicas - até tribunais! - apenas em Díli, e a entrada intempestiva das tropas australianas que desde há 3 semanas esperavam dentro de barcos no alto mar para entrarem.

Claro que foram os cooperantes portugueses, brasileiros e cubanos os que se portaram à altura, os que aguentaram nos tempos difíceis, os que persistiram no trabalho, os únicos que não fugiram como os outros fugiram incluindo o pessoal da ONU. Todos nós sabemos isso e se não falamos mais é por um certo pudor. No meu entender o que é preciso é eles continuarem, terem orgulho no trabalho que estão a fazer, empenharem-se no ensino e divulgação da língua, insistirem em falar o português e não interferirem nas questões como têm feito. Eles estão lá principalmente por serem bons profissionais e é de bons profissionais que TL precisa, não é de conselheiros de pacotilha como a ONU para lá levou e os actuais PR e PM estão a importar.

24 de Setembro de 2007 8:38

Anónimo disse...
"Mas uma certa arrogância dos formados na Indonésia a quererem simplesmente afastar os que

resistiram e lutaram criou rupturas na sociedade como esta crise bem mostrou e isso ninguém de bem pode aceitar." - Tu estás a brincar, ou tomaste demasiados drunfos??!!!! Queres dizer que os formados na Indonésia não resistiram e lutaram??? Quem é que morreu em Santa Cruz??? Se considerarmos que os formados pela Indonésia são os que tinham menos de 10 anos em 75 ou que nasceram depois disso, ou seja, todos os que hoje têm menos de 42 anos, isso significa que os "arrogantes que não resistiram e não lutaram" são mais de 70% da população!!!!!
O JPE tem toda a razão (força JP, a malta tá contigo!) quando diz que é preciso apostar em formar professores jovens. Quer por razões demográficas e biológicas (ninguém vive para sempre) quer porque os professores mais velhos, que frequentam o nosso bacharelato (os timorenses chamam-lhe baixarelato!!!!), já sabem falar português e já são professores de língua portuguesa nas escolas deles. Frequentam o curso mas isso não aumenta o número de professores de português nas escolas timorenses. E os tais 70% ou mais (49% dos timorenses têm menos de 14 anos) vão continuar a ver a língua portuguesa como uma coisa dos velhotes e dos saudosistas do tempo dos portugueses, se não forem formados com muita urgência professores jovens. Gosto muito do que faço em Timor e fico muito aborrecida se for trabalho deitado para o lixo.

E que história é essa do dinheiro do petróleo? Um ano??!! Tenho colegas que estão a dar aulas em Timor há sete anos! Não me digas que em sete anos não dava para ter formado jovens para ensinarem a língua portuguesa. Era só dar-lhes um curso

decente!!!! Sabes quantas horas por semana é que os nossos alunos têm de aulas? Margarida
acho que devias fumar menos charros!!!

24 de Setembro de 2007 10:05

Margarida disse...
Alguns formandos da Indonésia podem ter resistido e lutado mas apenas o começaram a fazer no princípio dos anos 90, estiveram na luta menos de uma década enquanto que os outros estiveram 24 longos anos.

E quanto ao dinheiro do petróleo apenas ficou disponível em 2006 e antes não se podia gastar o que não existia e mesmo assim o governo deu prioridade à formação de professores.

O que eu tenho tentado dizer é que fazem todos falta, novos, velhos, geração dos cinquenta e geração dos quarenta e sendo natural que o Esperança "puxe" pela geração dos amigos (os tais formados na Indonésia, geração dos 40), erra quando o faz em detrimento dos da geração dos 50. Timor-Leste é suficientemente grande para aí caberem todos e ninguém deve ser marginalizado apenas pelo factor idade.

24 de Setembro de 2007 19:1

Anónimo disse...
São uns traidores esses gajos, porque não começaram a resistir logo em 75 com a desculpa de terem só quatro ou cinco anos!

25 de Setembro de 2007 8:10

Sakoko Nakar disse...
Feto nee beik duni. Jovem sira mate mohu iha tempo ocupasaun maibe agora nia mai dehan katak katuas Mari e sira seluk husi Moçambique deit mak terus e resiste.

25 de Setembro de 2007 8:54

Posted by Sakoko Nakar 2:00 AM

Não gostaria de provocar polémica.
Em minha opinião,quem for ensinar português para um país estrangeiro,terá que dominar mìnimamente a língua predominante do país acolhedor (ao que leio,em Timor será tetum).

Posted by aminhapele 7:03 PM

adorei o post e a discussão nos comentarios. Este blog é dos mais interessantes da net. espero que continue sempre a levantar estas questoes importantes. Um abraço

Posted by Ana Maria 4:47 PM

Conheco o Joao desde que fui para Timor dar aulas em 2004 e tenho muito orgulho em te-lo como amigo. Devo, no entanto, aqui emitir a minha opiniao (e fa-lo-ei) com imparcialidade. Mais do que

destrutivamente, parece-me que o unico objectivo do JP e fazer uma critica muito construtiva a forma como se esta a conduzir o processo de reintroducao da lingua portuguesa em Timor. O problema e gritar-se sempre no meio de quem apenas faz ouvidos moucos e ignora o que e realmente essencial. Parece-me obvio o que o JP aponta como falhas obvias que precisam de ser revistas. Bem sabemos que, a par do Tetum, o Portugues e tambem lingua oficial em Timor e que podemos e devemos utiliza-lo no nosso dia-a-dia. Ora o Joao fe-lo sempre. No entanto, e falando de uma forma relativamente tecnica, qualquer falante ao aprender uma lingua segunda e/ou estrangeira estabelece pontos de ligacao com a sua lingua materna. Ora, ha certos itens lexicais e gramaticais que nessa ligacao se tornam pouco claros. Sera nessas ocasioes que o professor de Portugues fara uso dos seus indispensaveis conhecimentos de Tetum para esclarecer o seu aluno e para o fazer evoluir na aprendizagem da L2 ou LE, neste caso, o Portugues. E absolutamente necessario que quem ensina Portugues em Timor (bem como quem produz manuais dessa lingua para este territorio) tenha conhecimentos basicos (melhor ainda se forem avancados) de Tetum. Eu, como professora em Timor, senti por diversas vezes essa necessidade profunda. Concordo, sim, Joao, que tudo precisa de ser repensado e reavaliado quanto ao ensino da lingua em Timor. Absolutamente!!! A postura dos professores portugueses, os seus conhecimentos, os meios de contacto dos alunos com a lingua, o sub-aproveitamento dos materiais que estao a disposicao (como apontaste no caso dos livros nas diversas bibliotecas). Enfim...tens toda a razao. E pena que haja tanta gente com tamanha falta de

conhecimentos in loco do que e a realidade do ensino da lingua em Timor e ainda assim se lembre de abrir a boca... Parabens Joao. Manda vir mais textos destes...

Posted by Sofia 6:06 PM

Fico contente que o meu texto tenha motivado este debate todo e agradeço especialmente as opiniões dos colegas que têm experiência no terreno. Sugiro a todos a leitura deste texto muito interessante sobre o português na Guiné: [*link*]

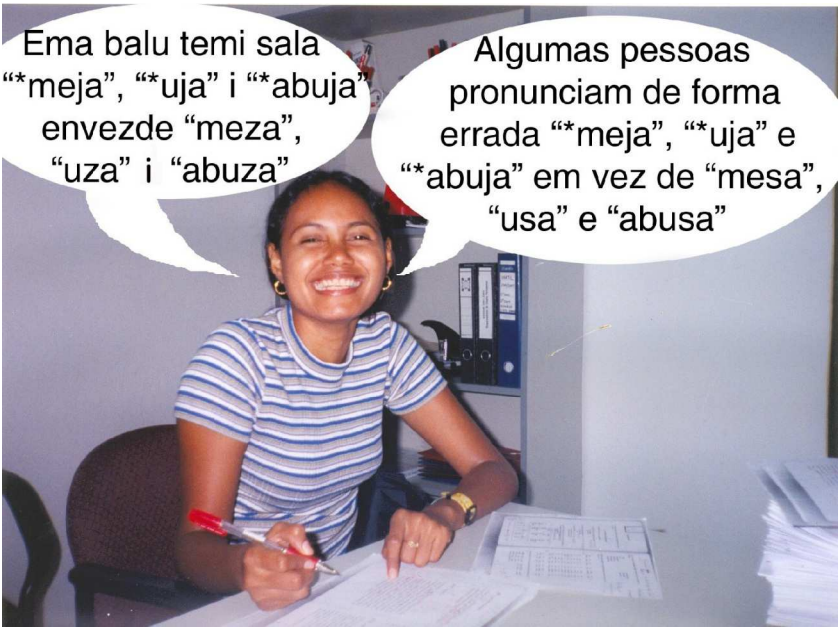
Posted by João Paulo Esperança 4:25 PM

A finalizar deixo-vos com algumas fotos usadas num curso de português explicado em tétum que estava a ser publicado por mim e por uma amiga timorense, Emília Almeida de Araújo, no jornal semanário timorense "*Lia Foun*". Não foi possível continuar o curso, por razões alheias à nossa vontade, mas os textos que foram publicados podem ser encontrados no meu sítio na Internet:
www.freewebs.com/jpesperanca

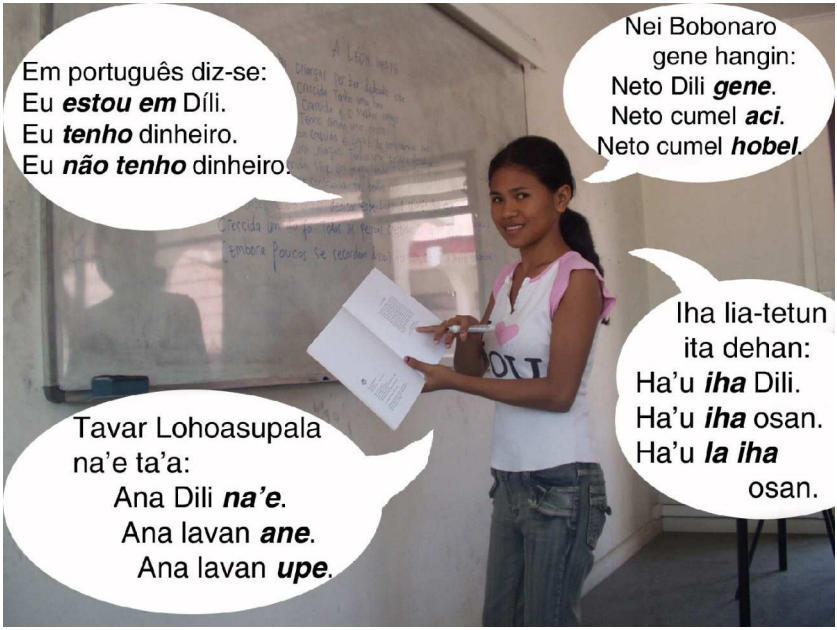
Keta konfunde son "r" ho "rr": "Karreta ne'e karu."
Não confunda os sons "r" e "rr": "Este carro é caro."

A nossa geração
às vezes ainda tem
dificuldade em distinguir
entre “j” e “z”
Ami-nia
jerasaun
dala ruma
sei susar
atu haketak
“j” husi “z”

Repete:
"O José
e a
Gizela
jogam um
jogo giro
no Japão"


Ema balu temi sala "*meja", "*uja" i "*abuja" envezde "meza", "uza" i "abuza"
Algumas pessoas pronunciam de forma errada "*meja", "*uja" e "*abuja" em vez de "mesa", "usa" e "abusa"

Ami iha Ainaru temi "os" i "ôs", no mós nor" i "nôr", hanesan portugés sira temi "avó" i "avô"!
Am nei Ainaru tem "os" nor "ôs", ne "nor" nor "nôr", mes men-lor portugés rom tem "avó" nor "avô"!
Nós em Ainaro dizemos "os" e "ôs" e "nor" e "nôr", como os portugueses dizem "avó" e "avô"!


Em português diz-se:
Eu **estou em** Díli.
Eu **tenho** dinheiro.
Eu **não tenho** dinheiro.
Nei Bobonaro gene hangin:
Neto Dili **gene**.
Neto cumel **aci**.
Neto cumel **hobel**.
Iha lia-tetun ita dehan:
Ha'u **iha** Dili.
Ha'u **iha** osan.
Ha'u **la iha** osan.
Tavar Lohoasupala na'e ta'a:
Ana Dili **na'e**.
Ana lavan **ane**.
Ana lavan **upe**.

Lee livru bá! Livru sira hanesan janela nakloke ba mundu.
Leia livros! Os livros são janelas abertas para o mundo.
GALIZA
no coraçom e na fala
POESIA
Rosalía de Castro
Alianza Editorial

João Paulo Tavares Esperança nasceu em Ílhavo (Portugal), em 10 de Dezembro de 1972. Foi docente na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e desde 2001 até 2007, ao serviço, sucessivamente, do Instituto Camões e da Fundação das Universidades Portuguesas, e aí leccionou diversas disciplinas em áreas como a Língua Portuguesa, Linguística geral, Linguística timorense e Literatura timorense. É autor do livro "*Estudos de Linguística Timorense*" (2001) e co-autor da obra bilingue "*O que é a lusofonia/Saída maka luzofonia*" (2005), publicada pelo Instituto Camões.